

O PROBLEMA DA MORAL EM NIETZSCHE

Cláudio Marques da Silva

Faculdade de Filosofia
Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
claudiolsd@bol.com.br

Vânia Dutra Azeredo

Grupo de Pesquisa Filosofia, Cultura e Sociedade
Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
vd.azeredo@uol.com.br

Resumo: O desenvolvimento da pesquisa centrou-se no exame do problema investigado por Friedrich em torno da existência de diversas morais que dominaram ou dominam na cultura antiga e atual. Friedrich Nietzsche reconhece a existência de duas morais amplamente distintas: uma moral de senhores e uma de escravos. Tal classificação liga-se com o reconhecimento da existência de diferentes tipos psicológicos de homens. Na leitura de Nietzsche existem tipos de homens diferentes: um é o forte, o da moral de senhores que cria valores a partir da distância. O outro é o fraco, o da moral de escravos, que incapaz de criar valores os inverte, sustentando-se na perspectiva da igualdade. Em Nietzsche o homem existe avaliando, e tal avaliação é determinante para o estabelecimento dos juízos de valor. A motivação que determinou o estabelecimento dos juízos de valores perante a humanidade será examinada por Nietzsche. Segundo Nietzsche a motivação do tipo forte sempre é a guerra, a aventura, a ação, enquanto o tipo fraco prefere a recusa da ação, manifesta o hábito da morbidez e conclama a paz. A avaliação e motivação expressa por cada tipo irão fundamentar a valoração atribuída às coisas, no caso em questão, tal avaliação seria o exercício primeiro que ensinaria a criação de valores e a fundamentação da moral. A moral em Nietzsche estaria condicionada, portanto a perspectiva avaliadora do tipo. É dessa perspectiva pessimista e negadora da vida, ou seu contrário, a otimista e afirmadora, que irá Nietzsche reconhecer duas morais amplamente diversas: uma que projeta a afirmação da vida e o desenvolvimento do tipo homem, e a outra que se sustenta na negação da vida, e vê na moral um instrumento terapêutico para suportar a própria vida, característica que na leitura de Nietzsche impediria o desenvolvimento e o brilho máximo do homem.

Palavras-chave: Moral, Valor, Genealogia.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas – Filosofia – CNPq.

1. INTRODUÇÃO

MORAL COMO INTERPRETAÇÃO

Nietzsche não concebe uma definição pronta do que seja o conceito de moral. Sua consideração mais precisa trata da moralidade do costume, sendo esta, tomada como a inscrição social no homem, inscrição de costumes no social, inscrição de deveres no homem. Para Nietzsche, tal origem, expressaria o rebaixamento dos instintos, e do conseqüente gregarismo da moral, que exige uniformização e obediência.

Segundo estudo de Azambuja a filosofia de Nietzsche apresenta dois sentidos da crítica moral.

Pode-se extrair, pois, um duplo sentido desta crítica moral. O primeiro aponta para uma crítica total da moral, quer dizer, a moral é vista como ruim em si mesma, na medida em que ela representaria uma simples coerção (social) ao indivíduo autônomo (excepcional). A moral aqui é “um instrumento do instinto de rebanho”. O segundo, quando começa em sua obra o trabalho de distinção genealógica, aponta para a afirmação de uma certa moral, a moral aristocrática, em oposição à moral escrava (AZAMBUJA, 2-3).

Com essa citação damos conta do problema levantado anteriormente em torno da existência de uma moral na filosofia nietzschiana. A consideração da moral como ruim em si mesma indica, ao menos provisoriamente, e no plano da Genealogia, uma inexistência de proposição moral na filosofia de Nietzsche.

Não encontrando de forma precisa em Nietzsche uma definição moral, vejamos uma sugestão extraída de Itaparica em sua análise da filosofia de Nietzsche. Ele concebe o projeto de Nietzsche na Genealogia como uma exposição nova sobre a moral, precisamente singular, pois, trata de recorrer à história, à biologia, entre outras disciplinas,

para esclarecer que o resultado de sua genealogia é a naturalização da moral.

A moral é abordada em sintonia com as características, capacidades e necessidades de uma espécie inserida no âmbito da natureza. A moral, desse ponto de vista, é um fruto tardio de uma série de aptidões naturais, como uma sociabilidade desenvolvida e a formação de uma cultura cuja marca principal é o uso de uma linguagem predicativa (ITAPARICA, 2008, p. 30).

A naturalização da moral implica tomar os tipos em seu processo de desenvolvimento e adaptação ao mundo social. Implica também, uma tomada de distância frente às postulações que se centram na faculdade da razão, para daí explicar a origem e orientar o cumprimento da moral. Em suma, a naturalização da moral, tal qual Itaparica extrai das leituras de Nietzsche, consiste na criação da moral em bases sensíveis, orgânicas, sociais; uma convenção, sustentada nas determinações e necessidades do organismo. Como para Nietzsche a faculdade da razão pura não expressa o resultado dos instintos naturais, necessariamente inclinados para o conhecimento, mas somente uma fábula vingativa, não faz sentido para ele, falar numa moral sustentada na razão e na inclinação do cumprimento do dever. Mais apropriado talvez, é expressar os resultados da investigação tal como aponta Itaparica, ou seja, uma naturalização da moral em bases biológicas e sociais.

A definição comum de moral, expressa em inúmeros catálogos, pode ser descrita como um “conjunto de regras de conduta próprias a uma época ou a uma cultura, consideradas como universalmente válidas” (DUROZOL e ROUSSEL, 2003, p.330) ou ainda expressando “um sistema público informal aplicável a todas as pessoas racionais, que rege o comportamento que afeta os outros, e tem como objetivo a diminuição do mal ou dano, e inclui que comumente se conhece como regras morais, idéias morais e virtudes morais (...)” (AUDI, 2006, p.644). O que se evidencia nas duas referências acima é a consideração da moral como regra, como conjunto normativo, responsável por salvaguardar uma coletividade dos efeitos deletérios da ação impulsiva: a anarquia nas ações e o desregramento dos costumes. Noutro sentido, que não o da defesa da moral, Nietzsche se ocupa em apresentá-la como produto da conservação do coletivo, do espírito gregário, das forças reativas que vêm na singularidade uma potencialidade de subversão e desobediência. A moral estaria destinada a orientar e instruir os espíritos cativos, que em decorrência de

sua condição fisiológica débil, receiam a força do indivíduo soberano, e mais, ela estaria destinada a reprimir e castigar os que dela se afastam e abjuram suas teses. Essa característica coletiva e gregária foi identificada por Nietzsche como o elemento indispensável de toda moral, além disso, para ele, a moral “funda-se na tradição, isto é, nos modos de agir e valorar costumeiros. Sem tradição não há moralidade”(MELO, 2004, p.61).

A moral expressa como regra, dever, conjunto de normas, ou semelhante sentido, é tida por Nietzsche como produto de uma avaliação pessimista da vida, como produto de valorações do tipo escravo. A tradição moral ocidental, desde Sócrates, amaldiçoou o conteúdo das valorações do tipo forte-senhor, expressas na afirmação da vida e da contradição da vida, validou e santificou o conteúdo das valorações do tipo fraco-escravo, expressas na negação da vida, na separação entre vida e conhecimento. Além dessa santificação do conteúdo expresso pelas forças reativas, a tradição do pensamento ocidental, reconheceu no ideal de igualdade e nivelamento entre os homens, sua mais elevada construção do gênero humano, eis as máximas: “Somos todos iguais diante de Deus” e “Somos todos iguais diante da lei e do Estado”.

O exame de Nietzsche investiga o ponto acima da santificação do conteúdo das valorações do tipo fraco-escravo, bem como, trata da inversão dos valores, produzida por estes, da negação da hierarquia, e da fundação do princípio de igualdade entre todos os homens. Em resumo, trata da fundação da moral em bases gregárias, radicalizado pela modernidade no contrato social, e na filosofia de Kant, com o princípio categórico universal. Tendo mostrado a origem dos juízos de valor, Nietzsche apagou a origem em si de tais juízos, e aplicando o método genealógico, esclareceu sua valoração pelo instrumento de avaliação inerente ao homem, complementando-o com sua singular postulação da teoria das forças.

Com essa elaboração, Nietzsche cria as condições de questionamento do princípio fundador da moral gregária, ou seja, a idéia presente na tradição judaico-cristã de que todos os homens são iguais perante Deus. Idéia que terá ressonância na modernidade, com a utilização pelos tratados políticos e éticos da idéia transformada de que “todos são iguais diante da lei e do Estado”.

Comentando esse conteúdo visualizado por Nietzsche, no qual a moral ocidental estaria sustentada no princípio da igualdade entre todos os homens Azambuja afirma que “este princípio, propõe uma compreensão do valor e do bem humanos, na

qual as hierarquias e as relações entre senhor e escravo não teriam mais sentido, pois tais relações seriam ou um desvio da bondade natural dos homens ou a pré-história da humanidade” (AZAMBUJA, p.4). Considero essa citação extremamente reveladora para nossos fins. Poderíamos perguntar por que Nietzsche utiliza a expressão senhor-escravo na constituição da moral? Não seriam tais termos antiquados, expressando uma realidade já superada pela modernidade? Ora, como tudo em Nietzsche nada é gratuito, intentemos explicar a razão de tais termos. A tomada dessa expressão aponta a tese de Nietzsche da natural desigualdade entre todos os homens. Tese avessa à época moderna com seus mascaramentos, que oprimem ao nivelamento e a perda da singularidade do indivíduo. Além disso, o próprio bem é dissimulado no mascaramento do nivelamento moderno. Quem seria o bom, e o que seria o bem? Não retomando tudo que já dissemos, mas indicando a consideração comum encontrada na filosofia de Nietzsche, o comunitário, o coletivo, o gregário, dissimula o bom e bem como produtos destinados exclusivamente ao coletivo, sendo mau a exposição dos instintos do indivíduo. A filosofia intervencionista de Nietzsche se coloca, porém, ante a tradição moral, com o intuito de expor a alienação vivida pelo homem moderno. Entre o senhor e o escravo o primeiro acolhe a desigualdade como móvel de sua existência, o segundo se conforta na igualdade do coletivo com receio de perde-se na luta.

Esclarecido o contexto da moral analisado por Nietzsche, apresentemos agora sua tese a respeito. Nietzsche postula a existência de duas morais distintas: uma moral de senhor e uma moral de escravo. Tais morais remete-se a dois tipos distintos de homens, respectivamente, ao homem forte e ao homem fraco. A postulação de duas morais distintas, oriundas da avaliação de dois tipos de homens diferentes, é fruto da investigação do passado moral da humanidade; tal investigação contou com o procedimento etimológico, com a qual se constatou que os juízos de valor bom-mal e bom-ruim são frutos de convenção, e não existentes em si.

Segundo Nietzsche, a moral de senhor é referida aos juízos de valor bom-ruim, enquanto a moral de escravo trabalha com os juízos de valor bom-mau. A moral dos senhores considera o juízo bom como pertencente ao homem forte e o juízo ruim como próprio do homem fraco. O forte é o indivíduo nobre, soberano, independente, que cria valores a partir da distância, já o fraco é o indivíduo desprezível, incapaz de criar valores.

Segundo Nietzsche a moral de escravo considera o juízo bom próprio do homem altruísta, piedoso, temente a Deus, do indivíduo paciente.

Concebe o juízo mau como sinônimo de agressividade, de egoísmo, de individualismo, de arrogância, etc. Nessa moral, bom é o sujeito inclinado à humildade nas ações e no espírito, mau é o sujeito que expressa orgulho nas suas ações e no seu modo de vida. Esse segundo modo de valorar será dito por Nietzsche como expressão de decadência, como produção surgida da inversão, da incapacidade de criar, em suma, expressões que não correspondem àquilo que seus termos propõem expressar.

É evidente que os juízos bom-mau expresso pela moral de escravo significa uma inversão dos juízos bom-ruim expresso pela moral de senhor. A lógica da moral de escravos com o Tu és mau. Eu sou o contrário do que tu és. Portanto, eu sou bom, age sobre o horizonte da negação, do nivelamento, da acusação aos fortes; sua afirmação necessita da negação do outro para uma suposta afirmação de si. A lógica da moral de senhor expressa no silogismo Eu sou bom. Portanto, tu és mau, age sobre a afirmação de si independente do outro, seu móvel é a diferença e a distância em relação o outro.

A avaliação é do tipo, e entre as características dos tipos senhores e escravos temos uma completa oposição: a moral para o nobre aristocrático nasce como afirmação de si mesmo. Para o escravo é com o ódio que se começa a produzir valores. A ação é própria do senhor, a reação é característica do escravo. Para Nietzsche os escravos transformaram a fraqueza em virtude. Seu instinto que reclama conservação impede o crescimento e o avanço de si. Sua passividade e memória depõem contra a vida. Para Nietzsche a inversão da fraqueza como virtude – obra das forças reativas - produziu valorações inimagináveis.

A partir da Genealogia destacamos o programa da moral dos escravos baseado na calúnia contra a vida, na inveja e no ódio contra a saúde e a beleza do homem superior. Tal calúnia é traduzida por Nietzsche como uma inversão realizada pela moral de escravos, que alterou os juízos de valor bom-ruim conforme sua avaliação depreciativa da vida. Assim temos:

*Faltava inverter todos os valores!
Enfraquecer os fortes, diminuir as grandes esperanças, tornar suspeito a felicidade que reside na beleza, transmutar tudo aquilo que há de independente, de viril, de conquistador, de dominador no homem, todos os instintos que no homem, o tipo mais elevado e melhor sucedido, estão*

incertos, aviltação, destruição de si mesmos (...) (NIETZSCHE, s/d, §62).

Conforme Nietzsche “a espécie aristocrática do homem sente a si mesma como determinadora dos valores, não sente necessidade de ser aprovada, louvada, julga” (NIETZSCHE, s/d, §260), esta é criadora de valores. Esse homem superior, que cria valores, que avalia a vida a partir da afirmação, que demonstra desprezo pela compaixão, pelo altruísmo e pelas formas baixas e negativas da vida não solicita aprovação alheia, age e atua conforme seu instinto, conforme sua pulsão de vida.

Nietzsche interpreta de maneira expressamente diversa a moral de escravos. Nessa, a atribuição do juízo bom é referida ao fraco, enquanto o juízo mau é referido ao forte. O fraco nessa moral é o indivíduo altruísta, humilde, piedoso, temente a Deus, que reconhece na comunidade um espaço seguro de conservação da espécie; já o forte, na moral de escravos, é o indivíduo egoísta, temido por sua imprevisibilidade, não-desprezível, pois sua ação merece atenção, visto ser capaz de desagregar a comunidade. O que a moral de escravo pretendia expressar como bom Nietzsche considera ser sinônimo de fraqueza e doença, o que tal moral pretendia expressar como mau Nietzsche considera ser forte e soberano.

Sua filosofia, que realiza a transvaloração de todos os valores, aponta que “a nova moral dos senhores vive a morte de Deus; a nova intuição da moral dos escravos vê o espírito servil do homem na idéia de Deus, no temor do senhor” (FINK, 1983 p.47).

Nietzsche considera o cristianismo como a “sublevação do escravo oriental contra os seus senhores” (FINK, 1983, p.136) vê nesta religião, os traços de acolhimento dos fracos, dos pobres, dos sofrendores. Comentado Nietzsche a partir da Genealogia Fink destaca uma comparação dos tipos e suas morais, e a partir de Nietzsche destaca que a moral dos senhores representa...

Tudo aquilo que faz viver sua verdadeira vida, bons para ele são os heróis, os guerreiros. A moral de senhores é, acima de tudo, uma moral das virtudes guerreiras. (...) Diversa é a moral de escravos; ela é animada do instinto de vingança contra a vida altiva; ela quer nivelar tudo. Ela estigmatiza a exceção como inimiga da moral e glorifica aquilo que torna a vida tolerável aos pobres, aos doentes e aos pobres de espírito (FINK, 1983, p.137).

A citação completa de Fink¹ surge como extremamente reveladora. Seleciono quatro momentos de originalidade na reflexão desse comentador. Primeiro: “A diferença entre a moral de senhores e a moral de escravos subsiste desde tempos imemoriais”. Essa informação é de grande valia. Tal consideração afasta nebulosas invocações de que Nietzsche estaria tratando de tipos, ou categorias sociais surgidas no mundo moderno, e por outro lado, aponta a profundidade do problema, ou seja, trata-se, como já destacamos, de uma distinção a partir da maneira como os indivíduos avaliam a vida, como se projetam na história, de uma maneira triunfante e vigorosa, ou ressentida e fraca. O segundo momento trata da grandiosidade do projeto de Nietzsche em fazer valer a soberania do homem superior. Para Fink tal soberania só foi possível com a reflexão dos valores empreendida por Nietzsche. O terceiro momento é um divisor de águas. A morte de Deus versus a ligação com Deus. Que moral que precisa da representação de Deus? Quem avalia a partir da figuração de um Deus? A figuração de Deus é útil e necessária a que tipo de homem? Todas as respostas irão apontar ao tipo escravo. A ligação com a representação de Deus reforça uma necessidade de submissão e uma impotência, atenuada apenas com a possibilidade de realização num além, que teria Deus como guia. Como quesito à apologia do homem, a fatalidade histórica da representação de Deus exige ser questionada, até mesmo como única possibilidade de versar sobre a liberdade humana, daí emergir a morte de Deus como exigência dessa reflexão. Quem precisa de representação do além? O tipo senhor é que não. A força de sua alma, a aventura de sua ação, o deliberado desdém ante as necessidades alheias, qualifica o tipo senhor ao distanciamento e ao desprezo do outro; ele pode viver por opção sozinho, não reconhece reprovação alguma. O quarto momento da citação é o mais relevante: “Nietzsche faz guerra, a sua grande guerra, contra todas as formas alienadas da humanidade, isto é, todas as formas de escravidão”. Quando na Genealogia Nietzsche trata de questionar a origem dos juízos de valor bom-mau e investigar sua verdadeira proveniência, a intenção era proporcionar um desmascaramento àquilo que tem sido, desde há muito, a maior inverdade da humanidade, qual seja, a tentativa de qualificar como bom aquilo que é fraco e doente e de mau aquilo que é forte e nobre. Guerra contra toda alienação e contra toda escravidão, é assim que Fink qualifica um dos projetos de Nietzsche.

¹ A citação completa do comentário referido encontra-se entre as págs., 137-140 e não pôde ser exposta integralmente aqui, no entanto, segue no texto comentário em torno da citação.

REFERÊNCIAS

- [1] AZEREDO, Vânia Dutra de. *Nietzsche e a dissolução da moral*. 2º Edição. São Paulo: Editora Unijuí, 2003.
- [2] DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. 1º Edição Brasileira. Tradução de Ruth Joffly Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- [3] FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*. Tradução de Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- [4] MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- [5] MELO, Eduardo. *Nietzsche e a justiça*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- [6] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. 3º Edição. Tradução de Carlos José de Meneses. Lisboa: Editora Guimarães & Cª Editores, 1976.
- [7] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- [8] NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Tradução Márcio Pugliesi. 5.ed. São Paulo: Hemus, s/d.
- [9] PASCHOAL, Antônio Edmilson ; FREZZATTI JR., Wilson Antonio (Orgs.). *120 anos de Para a Genealogia da Moral*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008. (Col. Nietzsche em Perspectiva).

Outras referências

- [10] AZAMBUJA, C.C. *Breve introdução à filosofia moral de Nietzsche*. Publicação on line disponível em <http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/Nietzschetese.pdf>.
- [11] *Dicionário de Filosofia*. Trad. Marina Appenzeller. Gerard Durozoi e André Roussel. Campinas, Papyrus, 2003.
- [13] AUDI, R. *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.
- [15] Aulas de *Oswaldo Giacóia Júnior* que foram ministradas no Núcleo Philemon, dirigido pela Profa. Dra. Amnéris Maroni, e compiladas por Dornelis Benato.